



Manifesto do PPRI

Israel-EUA querem destruir Gaza e limpar etnicamente a Palestina, ameaçando levar a guerra ao Líbano, Síria, Iêmen, Qatar e o Oriente Médio para impor seus objetivos

As massas árabes devem declarar a guerra ao sionismo e imperialismo, derrubar seus governos e se unirem em uma frente única anti-imperialista para destruir Israel e expulsar o imperialismo e o sionismo de toda a região!

 O estado terrorista e genocida de Israel bombardeou em Doha, capital do Qatar, o prédio que serve de quartel-general à liderança do Hamas que mora nesse país. No momento do ataque, Hamas estava discutindo e avaliando uma proposta de cessar-fogo para conseguir uma trégua ao genocídio e limpeza étnica praticadas ao estilo nazista - em escala industrial - pelo sionismo e o imperialismo norte-americano contra os palestinos. Tentou assassinar a liderança da resistência palestina para enterrar qualquer ilusão sobre os dois Estados, que os palestinos aceitassem sua expulsão e a completa destruição de seus lares e cidades, assim como o roubo de suas terras como um fato consumado, e só cabe se resignar e fugir, ou continuar a morrer trucidados pelas bombas e balas, ou bem definhando até desvanecer pela fome, falta de medicamentos e água etc. 800 mil palestinos estão sendo forçados a seu deslocamento, enquanto 500 mil estão sob ameaça de morrer de fome. Gaza já não existe como cidade, apenas há escombros e um par de bairros continuam em pé,

mas já estão sendo demolidos por bombas. Gaza e Cisjordânia foram transformados em guetos submetidos a massacres e pogroms permanentes.

O ataque em Doha foi denunciado e rejeitado como "flagrante violação da soberania árabe" pelo próprio governo catari junto da Arábia Saudita, Jordânia, Egito, Tunísia, Argélia, Síria, Iraque, Turquia etc. Palavras vazias e impostura retórica dos mesmos governos que fazem negócios com Israel e lucram com o sangue palestino. Esses governos vassalos dos ditames imperialistas sofrem uma amostra do que os palestinos sofreram por mais de 76 anos enquanto esses governos ficaram calados, quando não apoiando Israel. Ainda assim, se deve denunciar o ataque como mais um ato terrorista das centenas praticados pelos genocidas israelenses. Antes, tinham sido bombardeados dois barcos da Global Sumud Flotilha que se dirigem a Gaza para romper o cerco em águas territoriais da Tunísia. Por mais de um ano os sionistas vêm bombardeando o Líbano amparados pela subserviência do governo preposto pelo imperialismo,

cujos títeres, o presidente Aoun e primeiro-ministro Salama, querem desarmar o Hezbollah sob ordens dos EUA, o que apenas servirá para Israel colonizar parte do Líbano. Desde a derrubada de Al-Assad, Israel roubou territórios à Síria com apoio dos drusos e a inação cúmplice do governo da HTS. O governo "miliciano jihadista" tem negociado com o imperialismo e Israel a partição e desmembramento da Síria, mostrando que foram parte de um movimento contrarrevolucionário manejado pelo imperialismo para colonizar e submeter todo Oriente Médio a seus interesses.

Quase todos os governos que lamentam as mortes ou ameaçam reconhecer o estado palestino são os mesmos que financiam Israel e apoiam os traidores da Autoridade Nacional Palestina. Sabe-se que a esmagadora maioria da população de Israel apoia o objetivo da "Grande Israel" que somente pode ser construído liquidando os palestinos, libaneses e sírios e ocupando terras de estados árabes militarmente. Como assinalamos no Manifesto do PPRI nº 80 (09/08/2025), *"As imagens das figuras humanas cadavéricas desvanecendo da vida*

pela falta de comida lembra, ao vivo, que é possível ao sionismo não sentir qualquer remorso e não ter limite para que a burguesia parasitária e decomposta obtenha lucros sobre os ossos e sangue dos povos oprimidos. Desde o passado na América Latina e na África, passando por Europa do século XX até chegar na Palestina, o genocídio tornou-se um instrumento da política da classe dominante para impor seus interesses e fazer negócios com as terras, recursos e riquezas dos povos massacrados. Por isso nunca houve e não haverá qualquer interesse do imperialismo e do sionismo em um acordo que garanta aos palestinos a posse (...) de suas terras ancestrais.

Quem impulsiona e financia o holocausto são, principalmente, os EUA. Quem desativou as defesas aéreas cataris (de origem norte-americana) de forma remota, foram os EUA. Israel é seu enclave na região. O ataque em Doha foi combinado com Trump, que deu luz verde, e que sempre fala de negociações de paz apenas para acobertar suas ações militares. Esse “aliado” dos governos árabes demonstrou que os “Acordos de Abrão” são a máscara diplomática que acobertam a colonização de Oriente Médio pela burguesia imperialista norte-americana, dentre da qual destaca sua fração sionista, que instrumenta esses objetivos pela via militar, dos enganos e das traições. O governo Trump é de guerra, de genocídio e de destruição. Não lhe importa as leis e direitos internacionais que são obrigatórias para os povos e nações atacadas, mas não para o imperialismo. Não devemos, portanto, recorrer a essas leis e direitos e sim na força coletiva das massas e

seu direito a resistir à opressão!

Todo ato da resistência palestina, cada morte de um militar sionista, cada empresa de Israel atingida por operários ou movimentos, cada manifestação de massa que rompe o cerco da repressão do estado, cada ato de revolta contra a inação dos governos, deve, portanto, ser festejado e apoiado pelas massas como uma ação moral e justa- ainda que insuficiente - contra os ocupantes estrangeiros de uma terra que lhes pertence que pratica genocídio - e se enorgulhece disso. O problema é que enquanto os palestinos entregam sua vida e perdem gerações inteiras por defender suas terras, quem poderia ajudar um pouco em nosso país a parar o genocídio prefere a retórica vazia às ações concretas, porque lhes é mais importante a governabilidade, as eleições e os votos que o sangue palestino.

É necessário e urgente impor aos burocratas sindicais a convocatória e organização de assembleias gerais para aprovar greves, ocupações e bloqueios de portos e aeroportos, paralisando as exportações para Israel. As fábricas que produzem aço para os genocidas devem ser ocupadas e estatizadas sob controle operário coletivo. Os petroleiros devem parar os portos e envios de petróleo e derivados para os sionistas - com ou sem as direções. É necessário impulsionar a ruptura das massas com o governo Lula para abrir caminho à luta de classes para estrangular Israel e seus aliados em nosso país.

Se os governos burgueses se negam a parar o genocídio, então que sejam derrubados, e que as massas tomem o poder e constru-

am um estado cimentado sobre a solidariedade internacionalista ativa e revolucionária com os palestinos e todos os povos oprimidos do mundo!

Defendemos a destruição de Israel e a expulsão dos sionistas pela população árabe em armas, organizadas sob uma frente única anti-imperialista. Defendemos a auto-convocatória das massas para paralisar a indústria de guerra, ocupar as empresas e destruir qualquer seja o interesse dos sionistas em cada país. Defendemos que se combata ao governo burguês de Lula com independência de classe para que seja obrigado a romper todos os acordos com o estado genocida. Defendemos o programa da revolução e ditadura proletárias cuja finalidade é constituir um estado Palestino, uno e socialista, sobre os escombros do estado sionista, e um estado operário em nosso país sob a forma de um governo operário e campônio, o único capaz de transformar a denúncia do genocídio em ações concretas.

Infelizmente, está ausente a direção revolucionária capaz de ajudar às massas a conquistar a independência de classe e elevá-las ao programa, aos métodos e às táticas da luta de classe. Mas, partindo da luta instintiva e de seus combates contra a burguesia e seus governos se poderá reconstruí-la e ajudar a forjar seu partido proletário revolucionário e internacionalista que é necessário pôr de pé para cumprir as tarefas de destruir as burguesias e dar passos na transição ao socialismo, a única via histórica para acabar com os genocídios, os massacres e a opressão de classe e nacional. • —

